



O ESPAÇO POÉTICO DA SAUDADE EM ANTÓNIO NOBRE REVISITADO POR LEONARDO COIMBRA: UMA LEITURA CRIACIONISTA

THE POETIC SPACE OF SAUDADE IN ANTÓNIO NOBRE REVISITED
BY LEONARDO COIMBRA: A CREATIONIST READING

Susana Rocha Relvas*

79

Resumo: Problematizando o conceito de cronotopo proposto por Mikhail Bakhtin, de topoanálise, segundo Gaston Bachelard, de fronteira, de acordo com Pierre Loti, com destaque, de igual modo, para as noções de corpo e de lugar, como as entendeu Marc Augé, e para o espaço ontológico, segundo Heidegger, procuramos neste trabalho traçar uma breve cartografia de Saudade, tendo como objeto de estudo as linhas de força da sua poética, conforme a concebeu Teixeira de Pascoas. Daí avançamos para a leitura criacionista que Leonardo Coimbra, pensador da *Renascença Portuguesa*, levou a cabo sobre a obra poética de António Nobre, autor de referência para o movimento saudosista. Ao refletir sobre o lugar da Saudade na cultura e no pensamento portugueses e, em concreto, sobre a sua representação nos textos de António Nobre, Leonardo Coimbra destaca o modo como espaço, tempo, memória e transcendência se manifestam na lírica saudosa de Nobre.

Palavras-chave: Saudade; António Nobre; espaço; tempo; poesia.

Abstract: This paper aims to rethink spaces of war and pandemic in the picturebook THE WAR (LETRIA, 2018). The theoretical background draws from: i) the guidelines of topoanalysis (BORGES FILHO, 2007; 2015); ii) the peritextual apparatus and its reverberations in the narrative (GENETTE, 1987). The analysis carried out focuses on: i) the layers of space reconfigured in the peritext and the way they take shape in the picturebook; ii) the "architecture of pain" projected in human spatiality imbricated in micro and macro spaces, from whose dialogue results the representation of war as space-character where the pandemic is imbricated. The paper concludes by emphasizing that the spaces of war and pandemic intertwined in the visual narrative regenerate themselves, in disease and pain, through the text/image relationship, and flow into a "polyphonic mute" that reconfigures them. Desires for peace erupt from such commotion, redesigning the spaces where they flourish.

Keywords: Saudade; António Nobre; space; time; poetry.

* É Professora Adjunta Convidada no Instituto Politécnico de Viseu, Portugal; investigadora integrada do CEFH – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Universidade Católica, Braga; membro da TOPUS, sediado na Universidade de Brasília e membro executivo da ACIS – Association for Contemporary Iberian Studies. srelvas@esev.ipv.pt

INTRODUÇÃO: ESPAÇO E TEMPO NO TEXTO LITERÁRIO

Neste estudo procuramos dar os primeiros passos na abordagem à cartografia de Saudade¹, identificando alguns dos seus traços definidores, tendo em conta a relevância que neles assumem o tempo e o espaço. Na literatura e no pensamento este tema tem merecido, sobretudo no século XX, numerosos contributos de que se destacam os estudos pioneiros de Mikhail Bakhtin, Gaston Bachelard, Iuri Lotman, ou Martin Heidegger, sobre os quais faremos uma abordagem sucinta, seguramente a aprofundar num outro trabalho.

Como nota Robert T. Tally Jr., no século XX dá-se a “viragem espacial”, tornando-se “a espacialidade [...] um conceito-chave para os estudos literários e culturais” (TALLY JR., 2008, p.13) fruto na sua generalidade, quer do desenvolvimento dos estudos geográficos quer do contributo pioneiro do pensamento francês, no período do pós-modernismo e da teoria crítica pós-estruturalista. Remonta à década de trinta a formulação do conceito de cronotopo proposto por Mikhail Bakhtin, proveniente da teoria da relatividade einsteiniana, adaptado ao campo literário e, em concreto, à análise do romance. O teórico russo define cronotopo como a interligação das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas na literatura, e aponta a relevância da componente emocional na obra de arte. Como categorias da narrativa, espaço e tempo são indissociáveis e determinam a “unidade artística de uma obra de arte” (BAKHTIN, 1998, p. 349). O autor refere-se, de igual modo, à influência no indivíduo do espaço e do tempo em que vive, dando primazia ao tempo, na linha da noção de *durée* formulada por Henri Bergson, ou seja, ao devir histórico em que o homem se situa, e que é central na obra literária.

*É Professora Adjunta Convidada no Instituto Politécnico de Viseu, Portugal; investigadora integrada do CEFH – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Universidade Católica, Braga; membro da TOPUS - Grupo Interinstitucional de Pesquisa sobre Espaço, Literatura e Outras Artes, sediado na Universidade de Brasília e membro executivo da ACIS – Association for Contemporary Iberian Studies. srelvas@esev.ipv.pt

¹ Expressão cunhada por Valter Guimarães Soares, referindo-se à literatura brasileira. Cf. o seu estudo *Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*: Salvador: Edufba, Feira de Santana: Eduefs, 2006.

No plano filosófico, Martin Heidegger, no seu seminal livro *Sein und Zeit* (1927), pensou a questão do tempo e do espaço do ponto de vista ontológico, que se concretiza através do conceito *Dasein* (presença do ser no mundo). Associado ao conceito de cronotopo, importa, ainda, salientar o espaço paradoxal de fronteira, que Iuri Lotman desenvolve no seu estudo *A estrutura do texto artístico* (1978), aludindo à razão da sua existência, simultaneamente, de separação e de contacto entre países. Contudo, o conceito de fronteira no texto poético assume outras nuances, pendendo entre o eu e o outro, entre o espaço físico ou material e o espaço espiritual ou metafísico, como veremos na poética da Saudade. Por seu turno, Marc Augé associa o espaço e os limites do corpo aos conceitos de território e fronteira:

Sem dúvida, pode-se imputar esse efeito mágico da construção espacial ao fato de que o próprio corpo humano é concebido como uma porção de espaço, com suas fronteiras, centros vitais, defesas e fraquezas, sua couraça e defeitos. Se temos exemplos de territórios pensados à imagem do corpo humano, o corpo humano é muito geralmente, ao contrário, pensado como um território (AUGÉ, 1994, p.58)².

Por sua vez, em *A Poética do espaço* (1957) Gaston Bachelard apresenta uma abordagem filosófica ao problema da imagem poética, recorrendo à fenomenologia da imaginação, ou seja, ao estudo do fenómeno da imagem quando emerge da consciência e, nesse sentido, considera a poesia a fenomenologia da alma (BACHELARD, 1994, p.xx). O pensador francês propõe o conceito de topoanálise, complementar à psicanálise, dada a atenção dedicada à memória e de como esta se expressa na poesia. Sobre o poder e alcance da imagem poética, Bachelard dirá que: “[...] the entire life of the image is in its dazzling splendor, in the fact that an image is a transcending of all the premises of sensibility” (BACHELARD, 1994, p.xxxiii).

Este breve enquadramento teórico converge, nas suas linhas gerais, com a problemática do espaço e tempo na poética da Saudade e, em concreto, na estética do Saudosismo de Teixeira de Pascoaes (1877-1952), como viu Jorge Coutinho (1994). O autor, que estudou com profundidade esta temática, demonstra como o texto literário e,

² Todos os excertos citados são traduzidos pela autora.

sobretudo, o texto poético, assume contornos filosóficos quando nele se expressa a individualidade do eu lírico em relação com o cosmos, e se dissipam os limites entre o tempo cronológico e o tempo não-mensurável, entre o espaço real e os espaços imaginários.

GÊNESE E VIGÊNCIA DA POÉTICA DA SAUDADE

A poética da Saudade remonta à cultura galaico-portuguesa, cultivando-se ao longo dos séculos como matriz essencial da identidade nacional, quer no plano intra-ibérico, irmanando a saudade portuguesa, a *añoranza* catalã e a *soidade* galega, quer no plano extra-ibérico, com influências profundas nos países africanos de expressão portuguesa e no Brasil. Seguindo o conceito de lugar proposto por Marc Augé (1994)³, cremos que a poética da Saudade, de que o movimento Saudosista é síntese e aprofundamento filosófico, possui uma identidade própria, que se desenvolve no devir histórico e, por isso, de cariz relacional, porque inscrito na matriz cultural de um povo, na sua expressividade sensível e no seu imaginário.

82

Este capital simbólico, como descreveu Pierre Bourdieu⁴, que reside na memória coletiva, encontra-se sistematizado nos textos proféticos de Padre António Vieira e Fernando Pessoa e no pensamento crítico de Sampaio Bruno, Carolina Michäelis de Vasconcelos, António Quadros, Dalila Pereira da Costa, Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço. Encontra, de igual modo, representatividade na poesia de Luís de Camões, Almeida Garrett, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, Florbela Espanca, e expressividade nas artes plásticas contemporâneas com Soares dos Reis, Lima Freitas, António Carneiro e Almeida Júnior⁵.

O pensamento poético de Teixeira de Pascoaes sobre a Saudade aproxima-se do espaço ontológico enunciado por Heidegger; no entendimento da poesia como fenomenologia da alma, conforme viu Bachelard; na ideia de que o espaço que o homem ocupa num determinado lugar e o tempo que lhe toca viver, como pensou Marc Augé,

³ Marc Augé define o não-lugar do seguinte modo: “ Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (AUGÉ, 1994, p.73).

⁴ Não sendo aqui nossa intenção aprofundar o complexo conceito de “capital simbólico”, desenvolvido por Bourdieu, entendemo-lo como um conceito relacional que visa estreitar a distância entre objetivismo e subjetivismo, atendendo à importância da dimensão simbólica no universo social e à dialética entre materialismo histórico e idealismo cultural e na ideia de que o capital simbólico se baseia na crença (BOURDIEU, 1998).

⁵ Sobre a presença da Saudade na cultura portuguesa, veja-se o recente estudo de Paulo Borges *A Presença ausente. A Saudade na Cultura e no Pensamento Portugueses*. Nova Teoria da Saudade. Lisboa: Âncora Editora, 2019.

determinam a sua criatividade, fomentando a necessidade de evasão e a comunicação com o plano metafísico. Seguindo, de igual modo, a noção de corpo definida pelo antropólogo francês, o espaço do corpo manifesta-se na poética da Saudade, na medida em que, como viu Dalila Pereira da Costa, o conhecimento da Saudade dá-se, em “três gradações” que se inscrevem na natureza humana: “corpo, alma e espírito” (PEREIRA DA COSTA & PINHARANDA GOMES, 1976, p.105), permitindo dissipar a fronteira entre matéria e consciência:

E não tinha a Saudade a sua origem
Remota neste céu esplendoroso,
Nesta bela paisagem transcendente?
E a sua origem próxima e sensível
Na alma fecunda, mística, vidente,
Deste povo do mar e da montanha?
(PASCOAES, 1967, p.278).

Partindo destes traços definidores, Teixeira de Pascoaes cria, com Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, Álvaro Pinto, o movimento literário do Saudosismo, que surge no ambiente cultural portuense pontificado pela *Renascença Portuguesa* e pela revista *A Águia* (1910-1932) no advento da Primeira República (1910-1926)⁶. Como movimento cultural, o Saudosismo compreende-se à luz dos princípios nacionalistas republicanos e democratas, procurando dar resposta aos problemas políticos, económicos, sociais e culturais do país. Enquanto movimento estético e literário, em franca oposição ao positivismo oitocentista e aos *ismos* de vanguarda, o Saudosismo emerge das correntes idealista e tradicionalista, de cunho neorromântico, neolusista e neogarrettiano, que se vinham afirmando na esfera literária portuguesa na transição de século. Sob a ascendência dos mestres Guerra Junqueiro e Sampaio Bruno, este movimento portuense visa operar pela cultura o renascimento nacional, conforme nos elucida o poeta de *Marânus*:

⁶ A este respeito veja-se de Ernesto Castro Leal “República portuguesa, secularização e novos símbolos (1910- 1926)”. Revista da Faculdade de Letras - HISTÓRIA - Porto, III Série, vol. 11, - 2010, pp. 121-134.

É preciso, portanto, chamar a nossa Raça desperta à sua própria realidade essencial, ao sentido da sua própria vida, para que ela saiba quem é e o que deseja. E então pode realizar a sua obra de perfeição social, de amor e de justiça, e poderá gritar entre os povos: Renasci! (GUIMARÃES, 1988, p.68).

Na poética da Saudade expressa-se uma dialética de contrários, ambígua e ambivalente, mas integradora, entre a vida e a morte, o bem e o mal, o cristianismo e o paganismo, “a emoção reflectida onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e céu, atinge a sua unidade divina” (COELHO, 1992, p.1006). Partindo do ideal da Saudade, cultivado nos temas e motivos enraizados no lirismo português, o Saudosismo ergue-se à altura de uma hermenêutica religiosa, filosófica, social e política. Como afirma Jorge de Sena:

Uma poesia de contemplação e de Saudade, que proclama a futuridade do homem e de Deus. Uma poesia de efusão emocional, que se enraíza numa rigorosa fenomenologia das coisas que a rodeiam. Uma poesia herética, que brota do âmago da ingenuidade e da inocência. Uma poesia de esperança, de redenção, de liberdade, de suprema alegria, e, todavia, redundante de formas espectrais, de cinzas idas, de lágrimas e prantos. No limiar das novas eras, e com todo o verbalismo de um vocabulário academicamente consagrado, uma poesia do «Incriado, o Inominado ainda», como disse Pascoaes num dos seus mais belos poemas (SENA, 1989, p.103).

Como corrente espiritual, este sentimento-ideia, como designou Pascoaes, vaticina um profetismo e messianismo otimistas⁷, de exaltação sebastianista, que anuncia o poeta da raça e uma nova civilização europeia, de raiz lusitana, que cativa a atenção de Fernando Pessoa na sua primeira fase, como veremos mais adiante. Como doutrina social e política, anunciada em *Arte de Ser Português* (1915)⁸, Pascoaes propõe o regresso ao Portugal agrário,

⁷ Sobre o desenvolvimento desta temática, sobretudo no período do barroco português, chamamos a atenção para o estudo de Rui Grilo Capelo *Profetismo e Esoterismo*. Coimbra: Livraria Minerva, 1994.

⁸ O nacionalismo no pensamento de Pascoaes foi amplamente tratado por Manuel Gama no seu estudo “Identidades Nacionais e a *Arte de Ser Português* de Teixeira de Pascoaes”. In Celeste Natário [et.al.] (Coord.) *A “Renascença Portuguesa”. Pensamento, Memória e Criação*. Porto: Universidade do Porto Edições, 2017, pp.363-374.

assente na organização municipalista; e como Religião, advoga uma Igreja independente, que concilie cristianismo e paganismo.

Não obstante a dimensão simbólica da poética da Saudade, partimos da asserção mais abrangente de espaço, um espaço-tempo metafísico, para nos situarmos nas noções de lugar e, em concreto, de lugar antropológico. Um lugar inscrito na memória de um povo preenche-se, no dizer de Michel de Certeau, com a presença da ausência que, como veremos, será um dos traços distintivos do Saudosismo de Teixeira de Pascoaes:

Memory [...] cannot be localized. Its remains can still be found in legend. [...] We are struck by the fact that sites that have been lived in are filled with the presence of absences. What appears designates what is no more (CERTEAU, 1985, p.143).

Há uma relação indissociável entre tempo e espaço. Se “tempo da Saudade” se manifesta na “experiência Saudosa”, é a “memória viva ou lembrança a abrir-se na esperança” (COUTINHO, 1994, p. 284), o espaço da Saudade é o espaço do sonho, da fantasia e da transcendência:

O impressionante poder visionário e fantasmagórico da imaginação criadora ou poética do Autor é o recurso de que este se serve para tentar penetrar nesse espaço interdito à razão e trazer à clareira da poesia a verdade escondida na sua obscuridade (COUTINHO, 1994, p.116).

O homem cria o seu próprio tempo e espaço ao ritmo da sua sensibilidade. O espaço da Saudade localiza-se, assim, num entre-lugar, entre o ser e o não-ser, entre a realidade e a idealidade, entre o espaço físico do mundo biológico e o espaço moral ou metafísico da transcendência, que está no cerne do conflito individual do poeta. A sua existência situa-se num espaço vazio, como nos elucida o poeta em *O Bailado*:

O homem é um castelo no ar. O que ele tem de não existente é que lhe dá existência. O engano em que ele vive é que lhe dá vida [...] Os mundos, que são existências, giram no espaço vazio, essa não-existência ilimitada. Assim,

o homem vive através do sonho, esse outro espaço vazio (PASCOAES, 1994, p.130).

Outra linha de força da poética da Saudade reside no tema da infância, profusamente cultivado por Pascoaes e, em particular, como veremos seguidamente, em António Nobre. Ao manifestar-se saudoso da “infância, da terra, do céu” (COELHO, 1999, p.45), o poeta recua ao tempo passado, da saudosa lembrança da infância ou da união com Deus, para projetar no futuro o desejo do reencontro. Este é um tempo fugaz e irrecuperável, de descoberta de identidade e de harmonia, e um espaço de memória feliz e inocente que remonta ao espaço metafísico da origem ou do paraíso. Jacinto do Prado Coelho nota que esse tempo, “em que o mundo era infinito” (1999, p. 164), reporta “não apenas um passado que se recorda, mas um presente que ressurgue, dilata intangível, como algo fora do tempo, o que nunca morre, o contrário da morte” (1999, p. 164).

A vivência desse período situa-se num lugar específico, por norma rural, onde o poeta nasceu e cresceu, e que o irá moldar enquanto indivíduo, como é o caso de Fernando Pessoa, António Nobre ou Teixeira de Pascoaes. O poeta de *Marânus* descreve o espaço geográfico que condiciona e inspira a sua criatividade poética: “o doloroso drama transmontano e o bucólico idílio minhoto fundem-se na região do Tâmega” (PASCOAES, 1915, p.72). De acordo com Prado Coelho:

“[...] quando fala, dos longes do próprio eu, a voz da infância, que é a voz autêntica da sua alma, só então Pascoaes ingressa na vida plena, essencial, independente do espaço e do tempo, que Bergson chama *durée*, e que Pascoaes chama simplesmente vida” (COELHO, 1999, p.35).

É nesse mundo saudoso, verdade íntima, fora do tempo e do mundo exterior onde o poeta se refugia. Ao reviver o passado projeta-se no absoluto, passando ao domínio do espaço cósmico, e vê na eternidade uma “face do tempo” (1999, p.191), na medida em que, como vê o crítico literário, “o anelo da eternidade é tão essencial no Homem como o ser no tempo” (1999, p.192). Segundo Paulo Borges, referindo-se à poética de Antero de Quental, que tal como em Pascoaes se expressa a realidade e o absoluto, o poeta toma o espaço e o tempo como “ilusão”, uma “mera aparência subjetiva” (BORGES, 2002, p.115), conferindo ao

espaço geográfico valor ontológico e elevando o tempo a uma dimensão espiritual, que passa a ser do domínio do eterno (2002, p.239):

Teixeira de Pascoaes, como poeta-profeta do superior destino nacional e humano, continua a camoniana tarefa de apontar que, para além do Oriente geográfico, da viagem e dos Descobrimientos históricos, há por descobrir um outro Oriente-Origem, metafísico e (trans-) ontológico, sendo esse o que verdadeiramente importa”, em sintonia com a emblemática frase pessoana, “em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço” (BORGES, 2002, pp. 479-480).

POESIA E FILOSOFIA OU O PODER CRIADOR DO PENSAMENTO

Como aponta Fernando Guimarães, ao longo da história da filosofia, de Platão a Schelling e a Heidegger, procurou-se estabelecer uma relação de conhecimento entre o problema do ser e a criação artística, desempenhando a linguagem, pela sua plurissignificação, um papel crucial como revelador da verdade do ser (GUIMARÃES, 2016, pp.130-131). Essa dimensão gnosiológica da poesia, perscrutadora da “vida interior” (COIMBRA, 1984, p.75), só se alcança quando nela convergem as dimensões ontológica e simbólica. A Literatura e, em particular, a poesia, deve, deste modo, refletir o encontro entre a arte e o pensamento moral, estabelecendo através do mito e do símbolo a passagem do particular ao universal. Esta associação encontra-se sistematizada, desde 1912, na revista *A Águia* pela mão de Fernando Pessoa (1888-1935), com os seus ensaios sobre “A Nova Poesia Portuguesa sociologicamente considerada”, bem como a relação próxima entre a criação poética e as circunstâncias políticas e sociais que a enformam⁹.

É, também, neste mesmo ano, que Leonardo Coimbra (1883-1936) edita a sua tese *O Criacionismo* onde apresenta, pela primeira vez, no âmbito da fenomenologia literária, uma razão poética inspirada no quadrinómio do sociólogo russo Eugène de Roberty, apontando a ciência, a arte (poesia), a filosofia e a religião como os quatro pilares da vida, da matéria à consciência, tema a que dará desenvolvimento em ensaios dispersos. Para os poetas-

⁹ Sobre este tema veja-se o estudo de Maria José Lopes Azevedo Domingues. *Fernando Pessoa e “A Nova Poesia Portuguesa”: da teoria à concretização poética em Paús*. Lisboa: CLEPUL, 2013.

filósofos da *Renascença Portuguesa*, que pela estética do Saudosismo desenvolveram uma forma de ser e viver poeticamente, é através da arte que se atinge o conhecimento absoluto.

Devemos incluir na poética da Saudade o próprio Leonardo Coimbra, considerado pelos seus pares e discípulos como “o mais poético dos filósofos” (COIMBRA, 1988, p.8), sobretudo, em obras como *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916) e *Adoração. Cânticos de Amor* (1921). Ao refletir sobre a realidade dialética da Arte, Leonardo Coimbra atribui à criação artística uma natureza, simultaneamente, ética e estética, na medida em que a arte, mediando entre a matéria e o espírito, possui valor social e pedagógico e atende aos ideais de beleza, esperança e caridade. Na expressão artística encontra o ser humano o “ponto de apoio para a interiorização”. Através dela o homem manifesta a “ânsia infinita de amor e perfeição” (COIMBRA, 1984, p.203) e perscruta o “que há de imortal em nós” (1984, pp.200-201). A arte deve, pois, no entender de Leonardo Coimbra, traduzir amor, perfeição e a imortalidade do ser, refletindo a “alma humana nas suas relações cósmicas, nacionais e regionais” (1984, pp.200-201) e, nesse sentido, a moderna poesia portuguesa compreende um triângulo onto-teorético, pontificado pelas axiologias poética, filosófica e teológica.

Desde “Humor Místico” (1907) que o pensador portuense se vê invadido por um sentimento cósmico transcendental, como uma experiência do absoluto, em consciência, e se delinea já a saudade criacionista, entre a lembrança e o desejo, entre a memória e a vontade. Como consciência livre, o poeta perscruta as outras almas, em busca de compreensão e diálogo, e condensa num momento a essência do tempo para comunicar com o Absoluto, como aclara o pensador: “ser poeta é eternizar o instante, é fazer da vida um contínuo deslumbramento, um permanente convívio com Deus” (COIMBRA, 1984, p.24). Mas o poeta, essa “alma sensível e generosa” (1984, p.79), que o pensador vaticina como um “futuro teólogo”, porquanto mediador entre o humano e o divino, é também um exilado, um desterrado e proscrito, um *Asheverus* de ideal. Limitado no seu devir histórico, o homem é vítima do tempo e do espaço em que lhe toca viver: “Esta pobre Natureza que me cerca e eu beijo é, como eu, vítima do tempo” (1984, p.18).

Também Teixeira de Pascoaes, na esteira da escola romântica oitocentista, vê na poesia a tarefa de “elevar a alma do homem acima da sua própria contingência” (PASCOAES, 1914, p.158) e, na mesma linha, Leonardo Coimbra confere ao artista/ poeta, a missão transcendental de eternizar os valores morais (COIMBRA, 1984, p.19), lutando contra o

fatalismo e a contingência do espaço e do tempo, ao encontro da pluralidade dos seres e da compreensão universal:

O homem canta e no ritmo da sua voz passa a harmonia das esferas, o abraço da gravidade que dá ao seu corpo a companhia dos mundos, e, no ritmo da sua voz, passa o movimento do seu coração, que bate e palpita, no mistério do Infinito, os segredos do seu amor insaciável (COIMBRA, 1984, pp.63-64).

São diversas as referências textuais leonardinas aos poetas religiosos, desde os seiscentistas místicos aos hodiernos que, pela sua exemplaridade moral, assumem lugar de relevo na dialética artística e religiosa do pensador. De Santa Teresa de Jesus (Ávila, 1515-1582) a Juan de la Cruz (Ávila, 1542-1591), mestres da mística cristã do Ocidente, ao poeta contemporâneo José Maria Gabriel y Galán (Salamanca, 1870-1905) que, irmanados pelo espiritualismo cristão, são "mónadas superiores", exemplos vivos de como "o homem pela fé pode viver a própria presença de Deus" (COIMBRA, 1994, p.299) e "compreender-se como uma saudade de Deus" (COIMBRA, 1988, p. 128). No ensaio "A Poesia e a Filosofia Moderna em Portugal", o pensador criacionista medita sobre a matriz épico-lírica da poesia portuguesa, tradutora de um pensamento metafísico autóctone, sob a égide do panteísmo e do Saudosismo, uma "saudosa ternura" de "unidade de amor na comunicação das almas" (COIMBRA, 1984, p.35), e alude à musicalidade do texto poético e à sua finalidade cosmogónica: "o ritmo da voz humana casa-se ao ritmo dos astros e é figura, gesto, atitudes..." (COIMBRA, 1984, p.64).

Leonardo Coimbra elege aqueles poetas que se inscrevem na razão intuitiva, que melhor expressam a onticidade lírica, ou seja, que traduzem de modo criacionista o ser, através da expressão poética ou artística e é na revista *A Águia* onde se dará expressão a todos os poetas "em cuja alma vive a seriedade e, humanamente, a alma do seu povo" (COIMBRA, 1984, p.46). São eles Afonso Duarte, Afonso Lopes Vieira, Augusto Casimiro, Guerra Junqueiro, Camões, Teixeira de Pascoaes, Mário Beirão, Correia de Oliveira, Jaime Cortesão, António Nobre, Soares dos Reis e António Carneiro. Poetas e artistas que perfilham o Saudosismo, "otimista e crente", desde os impressionistas "da cor e da alegria pagã" aos religiosos porta-vozes das "correntes de espírito criador e confiante" (COIMBRA, 1984, p.31).

Procurando sistematizar o pensamento poético, Leonardo Coimbra considera que na poesia há um equilíbrio, quase sempre logrado, entre a sensibilidade e a representação, em que a analogia assume papel crucial como “o mais profundo e sempre implicado processo de conhecimento” (COIMBRA, 2005, p.82)¹⁰, que o leva a estabelecer relação de equilíbrio entre o homem e a natureza, numa “transfiguradora capacidade de desenvolver associações e correspondências” (GUIMARÃES, 1988, pp.43-44).

Mais do que estabelecer uma “estética da correspondência entre todos os seres e os mundos” (PAZ, 1986, p.98), como mais tarde desenvolveria Octavio Paz, o processo analógico leonardino pressupõe uma ontologia pela existência de dois planos de realidade diferentes que separam os seres do ser, admitindo uma super-existência de Deus (COIMBRA, 1994, pp.296-297), tendo Jesus por mediador entre o homem e o divino. Assim, Jesus é a própria analogia, permitindo, no dizer de Arnaldo de Pinho, uma “harmonia entre a filosofia da natureza e a transcendência” (PINHO, 1999, p.181). Trata-se de uma analogia cristológica do ser, que seja o ponto de encontro entre o mundo sensível e o mundo ideal.

Ciente de que só através da dialética lírico-religiosa se pode contactar com o invisível espiritual, Leonardo aclara que o “estado poético é um estado de graça”, “é tentar a ressurreição” (COIMBRA, 1994, p.298). E questionando, pertinentemente, sobre “o que há de novo na poesia? Será a “rima? O ritmo? Não”. É algo diferente: “o contágio de alma a alma; a alma do homem com a das coisas” (1994, p.298).

O espaço e o tempo da saudade, entre o físico e o metafísico, entre o passado, o presente e o futuro, prende-se intrinsecamente à memória e à afetividade, quer individual, quer coletiva, como amplamente estudou Maurice Halbwachs em *La mémoire collective* (1950) e é nesse espaço coletivo da memória e do simbólico que o Saudosismo visa afirmar uma identidade nacional e universal.

A POÉTICA DE ANTÓNIO NOBRE: BREVE SÍNTESE

António Pereira Nobre nasceu na cidade do Porto, na freguesia de Santo Ildefonso, em 1867, no seio de uma família abastada, da burguesia rural nortenha. cedo se revelou no jovem Nobre a fragilidade e a criatividade que dele fizeram o poeta sensível, irmão da saudade,

¹⁰ Sobre este tema vejam-se, ainda, (PINHO, 1999, pp.175-181) e (BORGES, 2002, pp.256-257). Leonardo Coimbra refere-se à “representação metafórica” como “cousismo poético” dada pelos “animistas” que desproõem a vida de “instrumentos de acção” (COIMBRA, 2004, p.356).

cultor de uma simplicidade genuína, do pensar e do sentir do povo português, nas suas lides, alegrias e tragédias. Amadurecendo uma sensibilidade poética em *Primeiros Versos* (1882-1889), que se revelará mais consistente em *Só* (1892), único livro publicado em vida e editado em Paris, e *Despedidas* (1895-1899), Nobre inicia colaboração, ao lado de seu irmão Augusto, na revista *A Mocidade* e trava amizade com o jovem e promissor escritor Raul Brandão (FERREIRA, 1989, p.12) e Alberto de Oliveira, autor do livro neogarrettiano *Palavras Loucas* (1894).

Ingressa, em 1888, na Universidade de Coimbra onde inicia os seus estudos em Direito e aí desenvolve um estilo poético próprio, fazendo escola no meio académico. Colabora na revista *Boémia Nova*¹¹, fundada por Alberto de Oliveira, mas a polémica com o grupo *Os Insubmissos*¹², a inadaptação ao ambiente coimbrese e o insucesso académico, levam-no a Paris onde, entre 1890 e 1895, frequenta a Escola Livre de Ciências Políticas e a Faculdade de Direito da Universidade de Sorbonne. Contrai, entretanto, a enfermidade da tuberculose que o obriga a percorrer a Suíça, a Madeira, o Estoril, Belas, a estância do Seixoso (Lixa) e Nova Lorque e a refugiar-se na Quinta do Seixo, na tentativa de cura (FRAZÃO, BOAVIDA, 1983, p.300). Esta circunstância marcará a sua obra poética, de feição meditativa e integral, e que se tornará uma referência na Literatura Portuguesa.

Em António Nobre sintetizam-se as estéticas finisseculares em efervescência, desde o tardo Romantismo, ao Decadentismo e Simbolismo, a que não são alheios laivos de Lusitanismo, Nacionalismo e Sebastianismo, cultivados na época por uma plêiade de escritores, de Fernando Pessoa a Afonso Lopes Vieira, e anunciadores do advento do Modernismo.

Dotado de um estilo pessoal, emotivo e intimista, avesso a escolas literárias, o cânone literário nacional atribuí-lhe, todavia, o mérito de renovador do romantismo garrettiano, de cariz nacionalista, que se converte no movimento literário do Neogarrettismo (FERREIRA, 1998, p.22), cultivado de forma transversal, por monárquicos e republicanos, como Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, António Sardinha, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, António Arroio, Fortunato de Almeida, J. Lúcio de Azevedo, M. da Silva Gaio e Carlos

¹¹ Fundada por Alberto de Oliveira, esta revista literária e de ciência terá colaboração de António Nobre logo no primeiro número, a 15 de fevereiro de 1889, com o polémico “Ode aos Rapazes Novos” e “Neto-Avô”, no número seguinte.

¹² Revista criada por Eugénio de Castro, João Menezes e Francisco Bastos, com o intuito de rivalizar com a revista *Boémia Nova*, propõe uma renovação da poesia portuguesa. Cf. (FERREIRA, 1998, pp.36-38).

Malheiro Dias. É-lhe, em suma, reconhecida uma personalidade artística alicerçada na sua originalidade poética e sensibilidade estética, entre o individualismo e o universalismo do ser, entre a tradição e a modernidade.

Importa salientar, ainda que de forma sucinta, alguns dos temas e motivos mais prementes da poética de António Nobre, na sua maioria de cariz autobiográfico. Desde logo, a finitude da pátria e o sebastianismo, como no poema épico-lírico “O Desejado”, inserido em *Despedidas* (1902). António Nobre adere à revivescência nacionalista que desponta, então, cultivando a mitogenia e as tradições lusas, num manifesto apego ao popular e ao telúrico torrão natal e a quem Leonardo Coimbra equipara ao “melhor lirismo português” (COIMBRA, 1994, p.94). De facto, o tema da portugalidade perpassa a obra poética de Nobre, em descrições de elevado impressionismo¹³. O poeta recorda a época áurea dos descobrimentos: “...anda ver o meu país de Marinheiros,/ O meu país das Naus, de esquadras e de frotas!” (NOBRE, 1998, p.97) e, ao mesmo tempo, experimenta a sensação cinestésica, de vazio, de crise de consciência da própria identidade, que se vive no seu tempo: “Vês teu país sem esperança” (NOBRE, 1998, p.90).

O seu lusitanismo expressa-se, de igual modo, na evocação das tradições, costumes e labores populares. A literatura oral dos pregões, lendas e cantigas; as crenças religiosas exteriorizadas nas romarias e procissões, como em “Lusitânia no Bairro Latino” (NOBRE, 1998, pp.91-103); a dignificação do trabalho do povo, seja pescador, lavrador ou moleiro; e a exaltação das suas qualidades, como a sua pureza e simplicidade, que se destacam no verso: “o povo é uma criança” (1998, p.106).

A inovação temática dos seus poemas traduz-se em novos ritmos, sobretudo em *Só*, dada a combinação de diversidade estrófica e verso realista que se evidencia pela oralidade expressiva e cadência do seu discurso. Traços que se articulam, do ponto de vista formal, com a erudição clássica (soneto), com recurso a versos alexandrinos, de influência decadentista. Versos que apresentam, contudo, alterações rítmicas pela isocronia quebrada do discurso, conferindo-lhe mais “naturalidade” (FERREIRA, 1998, p.53), ao gosto simbolista.

Mas, se as suas descrições se revestem de vida e luz, também não descuram a sombra e a morte, tomando o poeta as dores do mundo, na interpretação do sofrimento e da miséria humanas (NOBRE, 1998, p.103), como se espelha nos poemas “António” ou “Males de Anto”

¹³ Destaque-se, a título exemplificativo, “Males de Anto – I – A Ares numa aldeia” (NOBRE, 1998, pp.232-244).

(NOBRE, 1998, p.88), ou em plena identificação com os deserdados e todos os que são afetados pelo “trágico fado” (1998, p.238), que é também o seu. É, de igual modo, recorrente a sua relação com a natureza “Ó Natureza! Tão amigos são os dois!...” (1998, p.239), dela ressoando temas e motivos que se prendem com a contemplação da paisagem, em consonância com o estado de espírito do poeta como em “Poentes de França” (1998, pp.160-162).

É, nesse sentido, vasto o número de referências aos diferentes espaços geográficos e às vivências que o poeta neles experimenta, em momentos distintos da sua breve existência, descritos ora com realismo, ora mitificados quando associados aos seus antepassados ou à sua infância, entrando, assim, no domínio da “geografia sentimental e poética” (FERREIRA, 1998, p.9). A paisagem “etérea e doce” (NOBRE, 1998, p.132) do campo, rio ou mar influi no estado de espírito do poeta e ilustra momentos felizes da sua vida, através do recurso a imagens sinestésicas “de Cor, de Luz, de Som” (NOBRE, 1998, p.131), dos “Moinhos ao vento! Eiras! Solares”, “Ao Sol, fulgura o oiro dos milhos”, “E, meiga, tombava a tardinha...” (1998, pp.132-133), ou o “Mondego dos choupos” (1998, p.130).

Na poesia de António Nobre está, igualmente, latente a memória, descrevendo com lucidez lugares, figuras, nomes e circunstâncias do quotidiano, uma memória fotográfica narrada com um realismo vivencial, recorrendo ao processo de hipotipose, alternando descrição e narração de factos como se de um retrato pictórico se tratasse. Uma memória que coleciona instantes, inteiros ou fragmentados, como o próprio eu poético se afigura reiteradamente, e que se transfigura em imagens oníricas de um passado que não volta, povoado por símbolos e mitos que traduzem o declínio da pátria: “À Índia da ilusão, ao Brasil da Quimera!” (NOBRE, 1998, p.234).

Mas em António Nobre, a memória atinge uma dimensão ontológica, metafísica e escatológica, contemplando diferentes níveis de temporalidade, da génese à eternidade, da lembrança à saudade do futuro: “...E ocorre-me à lembrança/ Todo esse tempo que já lá vai” (NOBRE, 1998, p.152), fazendo sobressair o pendor metafísico, que em muito se aproxima da *lembianza* galega ou da estética da Saudade de Teixeira de Pascoaes. Trata-se de um discurso da memória efabulado e, por isso, seletivo, pontificado por aspetos simbólicos e alegóricos: “Quantos sonhos, meu Deus! Quantas recordações!/ Fastasmas do Passado, ofélicas visões” (NOBRE, 1998, p.119).

Emerge, desse sentimento nostálgico da saudade, a representação da infância, recorrente na poética nacional, de Fernando Pessoa a Teixeira de Pascoaes ou Cesário Verde, e que se assume como temática central na obra de António Nobre. Como lugar de nostalgia e encantamento, a infância representa em Nobre o regresso ao estado original, procurando resgatar esses escassos e longínquos momentos de felicidade e trazê-los para o presente perpetuando-os, entrecruzando diferentes espaços temporais da vida do sujeito poético, como no poema "Na Estrada da Beira": "Aqui, no meio desta fria soledade,/ Evoco a Coimbra triste, em seu aspecto moiro [...] Vejo o meu quarto de dormir, todo caiado" (NOBRE, 1998, p.218).

Situado no limbo entre duas vidas ou duas idades distintas, o poeta deseja recuperar, no conceito de Gilles Deleuze (1997, pp.225-230), o devir criança, recriando no menino que foi, uma nova história e um novo início. Processo que resulta salvífico para o poeta, como um lenitivo face ao sofrimento presente. Na dicotomia de contrastes, o recuo à meninez, como período de abundância, inocência e felicidade inconsciente, onde todas as utopias eram possíveis, contrasta com a vida adulta, perturbada pela precaridade de afetos e pela triste desagregação do ser. O poeta é, agora, um "desgraçado" (NOBRE, 1998, p.82), que deambula sem rumo, na cidade das ilusões perdidas, como se expressa em "Carta a Manuel": "Vida claustal, bacharelática, funesta,/ Numa cidade assim, cheirando essa indecente" (NOBRE, 1998, p.120).

A vida, efêmera e irreversível, apresenta-se como sonho, que António Nobre pretende recuperar pela sua condição de poeta visionário e predestinado: "E eu o Astrólogo, o Bruxo, o Aflito, o Médio" (NOBRE, 1998, p.109). Associado a este tópico, os temas do fatalismo e da morte tornam-se mais pungentes na sua poética, enquanto motivos autobiográficos. Além do isolamento e da distância, que convertem o poeta em "pobre moleiro da Saudade" (NOBRE, 1998, p.93), é a doença e o espectro da morte que, como viu Urbano Tavares Rodrigues, "já é morte em vida"¹⁴, passam a acompanhar o poeta em longos e sofridos versos: "Um berço que dormia era um caixão prà cova!/ Via a Foice no Céu, quando era Lua-Nova.../ [...] A pomba que passava era a minha alma a voar.../e era a minha agonia um pinhal a ulular!" (NOBRE, 1998, p.238).

¹⁴António Nobre é um dos poetas referidos pelo autor, cuja relação com a morte é marcada pelo "nirvanismo budista" (RODRIGUES, 1957, p.13).

UMA LEITURA CRIACIONISTA DA POÉTICA DE NOBRE

Compatibilizando conhecimento científico, moral, artístico e religioso, Leonardo Coimbra confere aos poetas a missão de profetas da humanidade, e aos poetas portugueses, em concreto, destina-lhes os mais altos voos como intérpretes da alma nacional. Em diferentes momentos, o pensador consagra-lhes páginas de exaltação e cumplicidade e António Nobre merecerá, de entre uma plêiade de escritores, de Luís de Camões a Teixeira de Pascoaes, de Mário Beirão a Guerra Junqueiro, estatuto de poeta da Saudade. Com uma ascendência irrefutável sobre os poetas e pensadores da *Renascença Portuguesa*, sobretudo em Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, António Nobre lega aos mentores daquele movimento o seu nacionalismo literário, de cariz neogarrettiano, corrente determinante na formação do Saudosismo (FERREIRA, 1998, pp.47-48).

De António Nobre herda Teixeira de Pascoaes a saudade da infância e o culto da paisagem física e humana nacional, de feição saudosista (COUTINHO, 1994, pp.58-59). E é, precisamente, a matriz lusitana, metafísica e cósmica da poética de Nobre que se revela modelar para o pensamento criacionista de Leonardo Coimbra, na relação que o pensador estabelece entre criação poética, espiritualidade e pensamento. Os mentores da *Renascença* situam Nobre na Nova Escola de poetas e artistas cósmicos, dotados de um “pensamento de largas possibilidades, ávido de ser e universalismo” (COIMBRA, 1984, p.35), entre a “criação artística e a realização moral” (COIMBRA, 1918, p.56). Segundo Jacinto do Prado Coelho, refletindo sobre os mestres de Pascoaes:

A influência de António Nobre foi talvez mais profunda e duradoura. Justificava-se por afinidades íntimas. Nobre era um foragido da vida, pela força do seu destino, e por isso um saudoso da infância e de tudo, um habitante do reino da ilusão (COELHO, 1999, p.16).

No ensaio “Sobre la Moderna Poesia Portuguesa” (1922), onde Leonardo pretende levar ao público espanhol a poesia de Antero de Quental, Teixeira de Pascoaes, Guerra Junqueiro, Raul Brandão e António Nobre, o filósofo refere-se à representação “da alma popular” na literatura portuguesa, com especial expressividade no poeta, como solução para “a crise de valores” (COIMBRA, 1984, p.49) que se manifesta no Portugal de então

Con el gran Antonio Nobre; su obra es alegría de la tierra, de las labranzas de las ermitas, de todo lo que es aire limpio del campo y de la montaña, el alma del zagal, del campesino; como es también *su* agonía de ir perdiendo la vida, *universalizada* como sentimiento humano de fuga del tiempo y tan ingenua mente que el Poeta, dentro de sus sonetos, es la criatura abrigada del Viento y de la Muerte en el seno cariñoso de su Madre (COIMBRA, 1984, pp.51-52).

Por sua vez, Teixeira de Pascoaes, referindo-se à sensibilidade dos novos poetas, alude à poesia de António Nobre como possuidora de “alma e corpo, vibra ante a Forma e o Espírito, ao mesmo tempo e com a mesma energia...”, atribuindo a Camões, Camilo, Bernardim Ribeiro e ao próprio António Nobre, uma sensibilidade “inconsciente e instintiva”, que o mentor do Saudosismo reclama como traço distintivo da sua geração, e que se definiu e revelou “em princípio religioso e filosófico” (PASCOAES, 1912, pp.8-10). António Nobre é, assim, o “grande intérprete” da saudosa tristeza, da “Lusitana melancolia luminosa” (PASCOAES, 1913, pp.16-17), cristã e pagã.

De igual modo, para Leonardo Coimbra a religiosidade de António Nobre espelha-se na forma como encara a vida, “uma contínua afirmação de absoluto no meio do universal relativismo dos fenómenos” (COIMBRA, 1984, p.113), inspirando-lhe “transposições analógicas” (GUIMARÃES, 1988, p.42) que lhe permitem associar o homem à natureza:

Estes cadernos são memórias, o esforço duma alma para fixar, dar corpo de eternidade à exígua vida transitória, que, em nós e à nossa roda, incessantemente foge. Uma larga folha de plátano (já morto em companhia do Poeta, ainda vivo?) estilizada de recordações, nomes que passam e por cima a letra do poeta falando – “Vida Humana” (COIMBRA, 1984, p.115).

O autor de *O Criacionismo* detém-se no valor da linguagem comunicada pelo poeta, pois “uma palavra que encontra ressonância pode abalar e destruir montanhas” (COIMBRA, 1984, p.121), chamando, particularmente, a sua atenção o verso “Viajei em Cruz no Planeta (no Oceano)”, que o pensador português interpreta à luz da sua dialética criacionista: “O pensamento completo é criador, a palavra é semente, que, ao morrer, rasga a terra e sobe à luz em caule” (COIMBRA, 1984, p.121). Como referimos anteriormente, Leonardo Coimbra

incorpora linguagem analógica no seu discurso filosófico, como processo cognitivo de comunicação, como “o último processo de conhecimento do filósofo e o primeiro do Poeta” (COIMBRA, 1984, p.38). Este processo desempenha um papel significativo na percepção, memória, criatividade e emoção, através do uso da metáfora, comparação, alegoria ou parábola. O pensador reconhece na poética de António Nobre a recorrência ao mesmo processo: “a resina do pinheiro é todo o Portugal” e é essa subtileza simbólica da linguagem poética, que “libertando a Memória faz com que um poeta tome o grão de areia e nele condense todo o brilho dos céus” (COIMBRA, 1984, p.123). O poeta, como “condensador de recordações” (COIMBRA, 1984, p.90), expressa nos seus versos o “drama da existência”, procurando “dar corpo de eternidade à exígua vida transitória” (COIMBRA, 1984, p.115).

No ensaio intitulado “António Nobre”, Leonardo analisa, com detalhe, as duas versões do soneto “Ao cair das Folhas” e constata que, entre a primeira e a segunda versões, é “o progresso do pensamento a realizar-se” (COIMBRA, 1984, p.124). Elogia a “plasticização” do raciocínio do poeta e conclui que “o esforço para a consciência e da consciência para a forma é duma comovedora beleza nos seus versos infantis. Que os nossos olhos religiosamente os contemplam e a nossa palavra deles possa religiosamente falar!” (COIMBRA, 1984, p.125).

O pensador atenta, particularmente, nas tradições portuguesas expressas na poesia de António Nobre, que o convertem no bardo da “rústica, camponesa e fidalguinha de aldeia” (NOBRE, 1998, p.131) e salienta as imagens sinestésicas, de “Cor, de Luz, de Som” (1998, p.131), recorrentes na poética de Anto, que traduzem a emoção, o misticismo, a vocação marítima, o culto da tradição e o génio da raça:

Elegantes como cadernos de sonhadora miss, adelgada e grácil, eles ficam em meus ouvidos a rezar o seu rosário de pérolas, lágrimas, tonturas de sol, evanescências de luar, murmúrios da fonte e do regato, clamores do oceano e do vento, perfumes rústicos de alfazemas e cravo, sonoridades brônzeas, gritos da luz meridiana e sombras do crepúsculo, rancho de raparigas cantando a epopeia agrícola da Terra...(COIMBRA, 1984, p.114).

O drama da morte, tema recorrente na literatura portuguesa (RODRIGUES, 1957), e extensivamente tratado por António Nobre, prende, de igual modo, a atenção do pensador criacionista. Da leitura e releitura dos cadernos de Nobre, Leonardo retém tópicos afetos ao

tema da morte, como a sua concepção trágica e poética; o problema do esquecimento “verdadeira morte da nossa experiência” (COIMBRA, 1984, p.116); a morte como companheira do poeta, na sua “viva presença”, e a “intuição” da imortalidade; a referência, por vezes sarcástica a cemitérios, como sinal de “abandono, transcendente humildade, religiosa aceitação...” (NOBRE, 1998, p.117) ou a resignação da morte, encarando-a como “Repouso ...para esquecimento das dores que nos torturavam...” (1998, p.118).

Os “dedos subtilizadores da Morte” (NOBRE, 1998, p.114) agudizam a sua “hipersensibilidade” (1998, p.114), remetendo o poeta para um “pessimismo metafísico, absoluto” (1998, p.113), que o condena a deambular, numa “eterna dualidade, eterno conflito”, entre o ideal e o real, entre o materialismo da vida e o encontro com Deus (1998, p.114). Associado à morte, a Dor constitui a trave mestra desta temática, na medida em que o poeta é o “grande Iniciado da Dor”, pressentindo-a como “função religiosa”, “grande abraço unificador” com o Mistério (1998, p.118). O tema da dor surge também associado à queda e redenção da pátria “«Vasco da Gama que voltas dá no seu leito sem poder dormir»”, verso que Leonardo Coimbra interpreta como “Audácia, aventura, remorso, o sonho infinito da raça...O mar canalizado para a cova dum túmulo e não cabe, não pode aquietar-se, é maré que se rasgará um leito, afundando a cova até novos astros...” (1998, p.116).

A ensaística leonardina, alusiva à obra poética de António Nobre, tem a particularidade de ser palimpséstica, na medida em que o processo de leitura e análise estimula no pensador uma recriação poética que resulta num outro texto que emerge a partir dos versos de António Nobre, tal é o seu impacto no pensador do Criacionismo. Esta relação intertextual deve-se, em larga medida, à “presença” de António Nobre sentida por Leonardo, a quem situa entre “aqueles que mais adentro de nossa alma moram” (NOBRE, 1998, p.115) para, por fim, sair revigorado da leitura dos versos de Anto:

Foi bom, foi doce, agora é grande, excitador, formidável, condensação de energias infinitas, mais vivo, o único vivo, a grande luz e Vida de que a nossa é a sombra meridiana quase nula, a fugitiva morte do Instante...

A Morte é uma grande estrada de luz, perdendo-se no inacessível clarão da Alvura, romaria de almas, rio luminoso e cantante, sumindo-se no branco derramamento dum sol incorpóreo... (NOBRE, 1998, p.118).

CONCLUSÃO

Uma das linhas mais surpreendentes do pensamento de Leonardo Coimbra prende-se com a relação dialética entre filosofia e arte, tendo o autor pensado a experiência artística nas suas vertentes ética e estética, chegando à relação analógica entre o homem e a natureza. Conceitos que emergem de uma antropologia filosófica centrada na pessoa moral, cuja caminhada, feita em liberdade, se dirige até Deus. Este vetor fundamental do seu pensamento criacionista concilia o real e o ideal, a intuição e a razão, a matéria e o espírito, numa justa harmonia revelada nos sistemas filosóficos do Saudosismo e Criacionismo.

Entendendo que o homem pertence a vários planos de vida espiritual, como cidadão da pátria, ser religioso e parcela consciente do universo, é pela razão poética que se manifesta o sentimento-ideia que preside ao Criacionismo como “expressão especulativa” (BRAZ TEIXEIRA, 1987, p.119) do Saudosismo.

Elevado a sistema filosófico pelos mentores da *Renascença Portuguesa*, a Saudade situa-se num entre-lugar de transição entre a lembrança, onde se revisitam as memórias do passado; se experimentam no presente os sentimento de perda, de exílio e de ausência, e se perspectiva a esperança de reencontro no futuro. Na obra poética as noções de espaço e tempo transfiguram-se à medida da sensibilidade do poeta, quebrando fronteiras, abrindo-se a novos espaços e a novas conceções temporais.

A forma como o poeta procura desvendar os mistérios do universo, a originalidade que imprime à sua poesia, comunicando através da linguagem simbólica/ analógica os dramas da existência, e o modo intuitivo e espiritual com que abraça o absoluto, são traços distintivos de uma pulsação cósmica, como se verifica em António Nobre, com os quais Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra profundamente se identificam (REAL; 2011, p.205).

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Não-Lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: S.P.: Papirus Editora, 1994.

BACHELARD, G. **The Poetics of Space**. Boston: Beacon Press Books, 1994.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética – a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1998.

BORGES, P. A. E. **Pensamento Atlântico**. Estudos e Ensaio de Pensamento Luso-Brasileiro. Estudos Gerais, Série Universitária. Lisboa: INCM, 2002.

BORGES FILHO, O. A questão de fronteira na construção do espaço da obra literária. **TriceVersa**. Revista do Centro Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos Lingüísticos e Culturais, v.2, n.1, maio-out.2008, pp.4-14.

BRAZ TEIXEIRA, A. Criacionismo e Saudade no pensamento filosófico de Leonardo Coimbra. **Revista Didaskalia**, vol.17, Fasc. 1. Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 1987, pp.119-127.

BOURDIEU, P. **Practical Reason: on the theory of action**. Stanford: Stanford University Press, 1998.

CERTEAU, M. **Practices of Space**. In: *Signs*. Ed. Marshall Blonsky. Baltimore, Maryland: The John Hopkins University Press, 1985, pp.122-145.

COELHO, J. P. Saudosismo. In **Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega e Estilística Literária**. Vol. 4º, S/Z. Porto: Figueirinhas, 1992, pp.1005-1008.

COELHO, J. P. **A Poesia de Teixeira de Pascoaes. A Educação do Sentimento Poético**. Porto: Lello Editores, 1999.

COIMBRA, L. **O Pensamento Criacionista**. Lições efectuadas na Universidade Popular do Porto em abril e maio de 1914. Porto: Renascença Portuguesa, 1915.

COIMBRA, L. **A Luta pela Imortalidade**. Porto: Renascença Portuguesa, 1918.

COIMBRA, L. Sobre a Saudade. **A Águia**, 3ª série, nº11-12, 1923, pp.147-164.

COIMBRA, L. **A Alegria, a Dor e a Graça**. Do Amor e da Morte (1916). *Obras Completas*, Vol. I. Porto: Livraria Tavares Martins, 1956.

COIMBRA, L. **Dispersos I – Poesia Portuguesa**. Fixação do texto e notas de Pinharan - da Gomes. Lisboa: Editorial Verbo, 1984.

COIMBRA, L. **Dispersos III – Filosofia e Metafísica**. Compilação, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel. Nota preliminar de Francisco da Gama Caeiro. Lisboa: Editorial Verbo, 1988.

COIMBRA, L. **Cartas, conferências, discursos, entrevistas e bibliografia geral**. Compilação e notas de Josué Pinharanda Gomes e Paulo Samuel. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994.

COIMBRA, L. **O Criacionismo**. *Obras Completas I (1903-1912)*, tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004.

COIMBRA, L. **Obras Completas II (1913-1915)**. Pref. António Braz Teixeira. Col. Pensamento Português. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

COUTINHO, J. **O Pensamento de Teixeira de Pascoaes**. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1994.

COSTA; D. L. P. & GOMES, P. **Introdução à Saudade**. Porto: Lello & irmão Editores, 1976.

DELEUZE, G.. **Literature and Life**. In: *Critical Inquiry* 23, transl. by Daniel W. Smith and Michael A. Greco, winter 1997, pp.225-230.

FERREIRA, M. E. T. Introdução. In: **Só**. 2ª ed.. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1998.

FRAZÃO; F., BOAVIDA, M. F. **Pequeno Dicionário de Autores de Língua Portuguesa**. Camarate. Amigos do Livro, 1983, p.300.

GUIMARÃES, F. **Poética do Saudosismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

GUIMARÃES, F. Ser, um problema filosófico-poético? **Filosofia e Poesia**. Congresso Internacional de Língua Portuguesa. Org. Celeste Natário, Nuno Júdice, Paulo Motta e Renato Epifânio. Porto, 2016, pp.130-136.

HALBWACHS, M. **La mémoire collective** (1950). Édition électronique, UQAC, Université du Québec à Chicoutimi, 2001.

http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/memoire_collective/memoire_collactive.pdf

NOBRE, A. **Despedidas**. Prefácio de José Pereira Sampaio (Bruno). Porto, 1902.
<https://www.gutenberg.org/files/27535/27535-h/27535-h.htm>

NOBRE, A. **Só**. 2ª ed.. Introd. M. Ema Tarracha Ferreira. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1998.

PAZ, O. **Os filhos do barro. Do Romantismo à Vanguarda**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

PINHO, A. **Leonardo Coimbra. Biografia e Teologia**. Porto: Lello Editores e Universidade Católica Portuguesa Centro Regional do Porto, 1999.

REAL, M. **O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010**. O Labirinto da Razão e a Fome de Deus. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2011.

RODRIGUES, U. T. **O tema da Morte na Moderna Poesia Portuguesa**. In: Sep. Gral, 4, Lisboa, 1957.

TALLY JR., R.T. **Espacialidade**. Trad. Ana Maria Costa Lopes, Susana Amante, Isabel Oliveira, Zaida Ferreira. Uberaba (MG): Ribeirão Gráfica e Editora, 2018.

SENA, J. **Vinte e Sete Ensaios**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1989.

TEIXEIRA DE PASCOAES, J. Os Saudosistas e a Poética do Saudosismo. In: **A Águia**, 1ª série, nº3, 1911.

TEIXEIRA DE PASCOAES, J. **O Espírito Lusitano e o Saudosismo**. Porto: Edição da Renascença Portuguesa, 1912.

TEIXEIRA DE PASCOAES, J. **O Génio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa**. Porto: Edição da Renascença Portuguesa, 1913.

TEIXEIRA DE PASCOAES, J. **A Era Lusíada** (Prosa, conferência). Porto: Edição da Renascença Portuguesa, 1914.

TEIXEIRA DE PASCOAES, J. **Arte de Ser Português**. Porto: Edição da Renascença Portuguesa, 1915.

TEIXEIRA DE PASCOAES, J. **Os Poetas Lusíadas**. Porto: Imp. C. Carregal, 1919.

TEIXEIRA DE PASCOAES, J. **Marânus**. In: Obras Completas. Ed. Jacinto do Prado Coelho, vol. III. Lisboa: Bertrand, s/d [1967].

Recebido: 20/10/2021

Aprovado: 17/11/2021

